



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA COMPARADA**

SAYONARA LIMA DAWSLEY

**A ESCRITA DE SI EM A COR PÚRPURA, DE ALICE WALKER,
E DIÁRIO DE BITITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

**GUARABIRA – PB
2013**

SAYONARA LIMA DAWSLEY

**A ESCRITA DE SI EM A COR PÚRPURA, DE ALICE WALKER,
E DIÁRIO DE BITITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Literatura Comparada da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^a Dr^a Sueli Meira Liebig

GUARABIRA – PB
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

D269e

Dawsley, Sayonara Lima

A escrita de si em a cor púrpura, de Alice Walker, e Diário de Bitita de Carolina Maria de Jesus / Sayonara Lima Dawsley. – Guarabira: UEPB, 2013.

28 f. : II

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Literatura Comparada) Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof^a. Dr^a. Sueli Meira Liebig.

1. Memória 2. Mulher Negra 3. Gênero Confessional.
I. Título.

22.ed. CDD 808


SAYONARA LIMA DAWSLEY


**A ESCRITA DE SI EM A COR PÚRPURA, DE ALICE WALKER,
E DIÁRIO DE BITITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Monografia apresentada ao Curso de
Especialização **Literatura
Comparada** da Universidade
Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para
obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 28/08/2013.


Prof.^a Dr.^a Sueli Melra Liebig / UEPB
Orientadora


Prof.^a Ms. Moiralza Rios Silva / UEPB
Examinadora


Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva / UFCG
Examinador

Aos meus pais (*In memoriam*), dedico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a *Deus* pelo amor imenso.

A minha *Professora Sueli Liebig* pela paciência e não existem palavras que possam transparecer todo o meu carinho.

Aos professores *Suênio, Monaliza e Cinara* que contribuíram diretamente nos meus direcionamentos acadêmicos.

Aos meus *familiares* por respeitarem o meu espaço.

Ao meu *noivo* pelo companheirismo de sempre.

E aos *amigos* que trago sempre no peito.

Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão estouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie.

Santo Agostinho

RESUMO

Nas últimas décadas, os estudos da memória vêm ocupando um espaço significativo nas análises críticas dos meios literário e histórico. Através das obras *A Cor púrpura* (1982), de Alice Walker e *Diário de Bitita* (1986), de Carolina Maria de Jesus, buscamos identificar o resgate da memória a partir das suas implicações históricas e culturais, relacionando dois representantes do gênero confessional: a carta e o diário. Esse processo de escrita confessional, através de escritos da memória, como meio de resistência ao estabelecido, será aqui abordado sob os aportes teóricos de Bakhtin(2000); Burke(1992); Bauman(2005); Bhabha(2007); Bruno(2004); Castro(1992); D'onofrio(1995); Foucault(1999; 2009); Hall(2006); Khote(2002); Lajolo & Duarte (2009); Possenti (2009) e Showalter (1994). Apresentando como pano de fundo a necessidade de falar de si, a voz de Celie e de Bitita denunciando as opressões vividas através do seu testemunho, utilizando como fio condutor as memórias.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero Confessional, Escrita de si, Memória, Mulher negra

ABSTRACT

The study of memory, in recent decades, has occupied significant space both in the literary and historical criticism. Having as background the works *The Color Purple* (1982), by Alice Walker, and *Bitita's Diary* (1986), by Carolina Maria de Jesus, we seek to identify the rescue of memory, from its historical and cultural implications, relating two representatives of the confessional genre: the letter and the diary. This process of confessional writing through the writings of memory as a means of resistance to the established, will be approached here under the theoretical support of Bakhtin(2000); Burke(1992); Bauman(2005); Bhabha(2007); Bruno(2004); Castro(1992); D'onofrio(1995); Foucault(1999; 2009); Hall(2006); Khote(2002); Lajolo & Duarte (2009); Possenti (2009) e Showalter (1994). Introducing the backdrop of the need for self-writing, the voice of Celie and Bitita denouncing the oppressions experienced through their testimonies, using as a guideline the memories.

KEYWORDS: Confessional Gender; Self-writing ; Memory; Black woman

SUMÁRIO

Introdução	09
1. O Gênero Confessional – a presença de um silêncio	10
2. Memória de vida, histórias de mulheres	15
3. A carta, o diário e a função de espelho em <i>A cor púrpura</i> e <i>Diário de Bitita</i>	18
4. Refúgio nas escritas	23
5. Considerações Finais	27
6. Referências	28

INTRODUÇÃO

O século XX apresenta grandes transformações em todas as esferas da vida humana. Na primeira metade dos 1900, ocorreram as duas marcantes guerras mundiais; na segunda guerra destacam-se inúmeras manifestações populares de grupos oprimidos e marginalizados. É nesse contexto que estão inseridas as obras das escritoras que hora analisamos, Alice Walker e Carolina Maria de Jesus, correspondendo cronológica e respectivamente a cada uma das metades do século.

A pesquisa nos permite adentrar em casulos memoráveis, destacar a utilização da carta e do diário como meios sensíveis de escrita de si. Essa prática cultural, inicialmente exercida por homens passa a ser o meio das mulheres se firmarem como sujeitos autênticos. Como estilo testemunhal e pela necessidade de se manter em constante construção, essa dinâmica é fragmentada e está em processo constante, abordando a questão da complexidade da tensão entre o poder das forças da sociedade opressora e conduzindo-as a um aprisionamento físico e emocional, especialmente no tocante à opressão das mulheres negras, vividas nas suas relações com os homens negros (pais, irmãos, maridos, amantes) e a solidariedade mútua que precisam ter para se libertarem.

São essas vozes abafadas da literatura e silenciadas na vida real que encontramos nos escritos de Celie e Bitita que, como personagens, com a memória no papel, a reconstituição dos fatos pela escrita, as mulheres discutem seus papéis, suas identidades e principalmente seu assujeitamento às condições sociais impostas.

Pelo uso de gêneros confessionais, através de registros e relatos, a transmissão dos acontecimentos pelas cartas e diários como meios recorrentes da necessidade de desabafar contribuem para a construção da personalidade e da identidade da mulher. São histórias fortes, mas contadas de modo suave. Essa literatura confessional começa a se solidificar como gênero graças à nova estabilização social da burguesia. É por meio desse processo de intimidade que a leitura e a escrita, por serem meios silenciosos, evidenciaram o eu, transpondo para o papel o que fervorosamente buscavam transparecer.

1- O GÊNERO CONFSSIONAL – A PRESENÇA DE UM SILÊNCIO

A palavra é o meu meio de comunicação. Eu só poderia amá-la. Eu jogo com elas como se lançam dados: acaso e fatalidade. A palavra é tão forte que atravessa a barreira do som. Cada palavra é uma ideia. Cada palavra materializa o espírito. Quanto mais palavras eu conheço, mais sou capaz de pensar o meu sentimento. Clarice Lispector

Falar sobre si ou escrever sobre si? É com esses questionamentos que adentramos em uma nova modalidade literária: o gênero confessional. Os gêneros confessionais, trabalhados nessa pesquisa - carta e diário - nos colocam à frente de registros memoriais, apresentando um novo processo de voz para a marginalização de gênero, tanto social quanto racial, presente nas obras, *A Cor Púrpura* de Alice Walker (1982) e *Diário de Bitita* (1986), de Carolina Maria de Jesus. A essas narrativas, escritas em primeira pessoa, associou-se, o termo marginal, por não corresponderem aos estereótipos canônicos e trazerem um novo cenário, um tipo de linguagem nos textos e, principalmente, os protagonistas que retratam o contexto de grupos oprimidos. Centramo-nos em um grupo: a autoria de mulher negra, como dupla marginalização.

Desde tempos imemoriais o instinto do homem é perpetuar sua existência e nada melhor como a escrita para registrar suas vivências, deixar a sua marca na história, uma vez que se torna um ato inerente ao homem a ação de narrar as suas experiências. Segundo Bruno:

O olhar não recai mais sobre aqueles que exercem o poder, mas sobre aqueles sobre quem o poder é exercido. Sobre o indivíduo comum, ordinário, e ainda mais sobre aqueles que estão aquém do comum e mediano – o desviante, o anormal, [...]. Deste modo, o poder torna-se cada vez mais anônimo enquanto o indivíduo comum ou desviante, exposto à visibilidade, torna-se cada vez mais objetivado e atrelado a uma identidade (BRUNO, 2004 p. 2).

O gênero confessional começa a se solidificar como gênero, graças a nova estabilização social da burguesia. É dentro dela que surge e prolifera um novo hábito de escrever sobre si, são as criações de ambientes íntimos e privados onde o sujeito pode mergulhar na sua vida interior e difundir sua noção de indivíduo. É por meio desse processo de intimidade que a leitura e a escrita, por serem meios silenciosos

evidenciaram o eu, transpondo para o papel o que fervorosamente buscavam transparecer.

A escrita ficou além das emoções, único meio de se manter presente quando se estava ausente fazendo de páginas e páginas escritas um meio de extravasar a si, funcionando como testemunho de seu tempo. A literatura modifica nossa relação com a realidade, fazendo-nos desconstruir e questionar as formas convencionais de pensar sobre nós mesmos, sobre as relações que travamos, sobre a sociedade que nos cerca. Surgindo assim, uma literatura íntima que se fortalece quando o homem adquire a convicção histórica de sua existência.

Os gêneros confessionais, em que as narrativas são escritas em primeira pessoa, são antigos no universo, mas por muito tempo foram consideradas menores e marginalizadas pelas altas literaturas. A literatura confessional possui elementos da realidade e não está isenta de desvios da linguagem porque é impossível transpor qualquer realidade fielmente. Dando os primeiros sinais de vida no século XVIII, no entanto, seu ápice se dá no início do século XX, através da sociedade burguesa, uma vez que o espaço conquista a privacidade dos escritos confessionais evidenciando o eu em um espaço em que impera a noção do coletivo e também devido ao grande número de leitores interessados.

Como retrata o historiador Peter Gay (1998, p. 23-4), a ideia de privacidade não era possível em famílias cujos membros dividiam o mesmo quarto, situação comum no século XVIII. Com o aparecimento dos quartos privativos houve uma colaboração para que a classe média respondesse a esse novo ambiente íntimo, com confissões e tudo aquilo que mencionasse a busca do eu. Segundo Gay:

Foram meros detalhes com quartos privativos ou escrivaninhas com chaves, mas, no geral, serviram para que a classe média respondesse à nova intimidade com confissões, viciando-se em tudo o que a remetesse à busca do “eu” no cotidiano e nas artes. (GAY, 1998,p.24)

Desde o século XVIII que a prática confessional é uma das mais utilizadas em todo o mundo, através das cartas, como meio principal de comunicação ou pelo uso dos diários como forma de registrar acontecimentos. Essa prática cultural de resgate da memória foi e é exercida de modos diferentes por homens e mulheres ao longo da história.

Aos homens era destinada a escrita como importância pública de sua posição no mundo com relatos de viagens e cartas informativas, enquanto que para as

mulheres burguesas seu uso era registrar acontecimentos rotineiros da casa e, mais tarde, passou a ser um meio de passatempo ou ocupação para as solteiras.

A escrita vem a ser um instrumento que dá acesso direto ao mundo das memórias, permitindo organizar e repassar tanto acontecimentos como pensamentos e fazê-los atravessar o espaço e o tempo. Destinados a outras pessoas ou a si mesmo, a carta e o diário, por muito tempo, foram guardados, engavetados, escondidos, empoeirados e porque não dizer esquecidos. Consideramos essa escrita íntima como uma fonte histórica que possibilita o conhecimento e/ou compreensão de acontecimentos sociais, culturais e políticos de uma determina época.

Afunilando a pesquisa ao uso das correspondências íntimas, através da forma autobiográfica e memorialística, esse processo nos auxilia a penetrar no interior do pensamento do indivíduo/autor. Segundo Ângela Gomes:

A escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “a sua verdade”. (...) O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento. (GOMES, 2004, p. 32)

Direcionado a alguém ou apenas como meio de registrar sensações, essa arte confessional é uma forma de refúgio do eu, tornando-se um meio de concretizar memórias e lembranças e, também, podendo ser uma fórmula de avaliar e reconhecer a si mesmo.

Esse mundo secreto e privado entra em confronto com um mundo público e acessível, ele passa a revelar o interior do indivíduo. Essa relação íntima com o passado, essa nova forma feminina de escrita e leitura, deslocando um novo olhar sobre o acesso das mulheres à escrita.

Delimitamos a discussão para os gêneros confessionais das obras de Carolina Maria de Jesus e Alice Walker, vistas como escrituras comuns, sendo elas produzidas no cotidiano, sendo a da primeira, em forma de diários; e a da segunda em forma de cartas endereçadas a Deus e a sua irmã Netti e algumas pontuações possibilitam comparações dos discursos das autoras que expõem questões sobre elas mesmas acerca da opressão, do preconceito, da sexualidade, da condição da mulher negra, da identidade da mulher negra, dentre outras.

Analisando as obras, podemos fazer um levantamento da intimidade das autoras. A obra *A Cor Púrpura* (1982), de Alice Walker, remete-nos ao percurso da personagem Celie, menina negra que aos 14 anos foi abusada sexualmente pelo seu suposto pai, logo engravida e é obrigada a se afastar dos seus dois bebês após cada parto. Cercada de uma intensa carga de relações humanas, de uma tensão entre o interior e o exterior, vive um mundo subjuguante e hierarquizado. Neste romance epistolar, deparamo-nos com a difícil experiência de uma mulher negra cercada pelo preconceito racial do sul escravista dos Estados Unidos.

O romance autobiográfico de Carolina Maria de Jesus, *Diário de Bitita* (1986), por sua vez, conta sua infância e seu crescimento, em meio à exploração social da mulher negra em um cenário de expressiva desigualdade na cidade de Sacramento/MG. Conhecida como Bitita, apelido da infância da escritora, ela expressa na obra a revolta contra o discurso do colonizador branco e a sua posição de sujeito no mundo.

Há séculos destinadas ao silêncio, as mulheres tinham como representação externa típica o lugar da escuta, da espera. Alguns verbos como *aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se, chorar e calar* eram presentes nas suas vidas, sendo-lhes negada as expressões, oral ou escrita. Para as mulheres negras essa marginalização era ainda mais forte. No entanto, com a narrativa confessional, elas puderam, por meio da escrita, revelar seu “eu”.

Partindo desses acontecimentos a prática da escrita feminina vem marcar a presença do eu enunciador e a rememoração do passado das personagens, auxiliando na construção da identidade e na análise da prática da escrita de si. Segundo Perrot,

As memórias são monólogos imperiosos, ato de um poder que seleciona e censura sem apelação e sem contraditor. As correspondências, se não tentam um diálogo, buscam pelo menos uma troca com um interlocutor cúmplice ou indiferente, próximo ou opaco (PERROT, 2005,p.45).

Dentro desse jogo de reflexos é que a escrita confessional surge, mostrando-nos as mais variadas formas de apresentação do “eu”. Há numerosos tipos de gêneros confessionais, mas a escrita aqui analisada é sobre identidades em choque, políticas das diferenças e a subalternização das mulheres negras. Como diz Hall,

A identidade surge tanto na plenitude da identidade que está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é

preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006,p.39).

Pensamos na literatura como um meio possível às mulheres negras de falarem e escreverem sobre si mesmas e, ao mesmo tempo, de mostrarem também que a sua experiência não é a mesma dos homens negros. A literatura apresenta-se como um caminho para os sujeitos femininos produzirem sua própria subjetividade, já que, na luta pela sobrevivência, reinventam a própria identidade. Entende-se aqui por subjetividade, o trabalho por meio do qual as pessoas constroem e atribuem um significado à própria experiência de vida.

O diálogo entre os gêneros confessionais e o discurso literário é uma prática que se mantém vigente, através dos séculos, impulsionada por motivos historicamente diversos, mas que foi convertida em moda sobretudo por ser uma produção que conduz ao reconhecimento de si no outro, nas diversas facetas do ser humano. Independentemente da construção inerente à escrita ou do valor literário da maioria das publicações em voga, os gêneros confessionais ocupam, hoje, um lugar de destaque não só por força da indústria cultural que transforma o "eu" em objeto vendável, mas porque o leitor constrói, ao lado do escritor, uma alma de papel.

Os termos utilizados se misturam: escrita de si, escrita íntima, escrita confessional; mas, possuem um único objetivo: a afirmação pessoal do "eu" que se revela. Santo Agostinho é considerado um dos primeiros a abordar a introspecção como autoexame, é com a ajuda da memória que apresentamos os registros:

Pois mesmo quando me encontro em trevas e em silêncio, posso representar na memória, se quiser, as cores e distinguir o branco do preto e todas as mais entre si. Os sons não invadem nem perturbam as imagens que aí se encontrarem. Estão como que escondidos e retirados. Se me, apetece chamá-los, imediatamente se apresentam. Então, estando a língua em repouso e a garganta em silêncio, canto o que me apraz. Aquelas imagens das cores, que não obstante lá continuam, não se interpõem nem me interrompem quando manejo este outro tesouro que entrou pelos ouvidos. (SANTO AGOSTINHO, 2011, p.223)

Em suma, o século da memória é realmente o século XX, em que vários textos foram escritos e publicados. Entretanto, é 'difícil traçar o limite exato entre a autobiografia, as memórias, o diário íntimo e as confissões, visto conterem, cada qual a seu modo, o mesmo extravasamento do "eu"' (MOISÉS, 1982, p.50). Tornando agentes desses discursos e práticas erguendo, assim, uma nova concepção de sujeito e de identidade.

2 – MEMÓRIAS DE VIDA, HISTÓRIAS DE MULHERES

Em mais de três décadas de pesquisa, Michelle Perrot dedica-se a história das mulheres, principalmente no seu papel de agente social de sua própria história, enfocando a invisibilidade da mulher. Destinadas ao silêncio, observamos que a presença da voz feminina era selada por estereótipos barulhentos: as histéricas.

Desse modo, as fontes integram a marginalização e a desvalorização das mulheres e as suas atividades. “E assim as mulheres frequentemente apagam de si mesmas as marcas tênues de seus passos neste mundo, como se sua aparição fosse uma ofensa à ordem” (PERROT, 2005, p. 37).

A presença discreta e a sedutora história das mulheres vão ganhando espaço, por tanto tempo lida, analisada e apresentada ao mundo através da visão masculina, temos a escassez de fontes, a presença do seu silêncio e, até os vestígios materiais dessas mulheres foram engavetados, apagados e destruídos, algumas vezes por elas mesmas. Graças aos movimentos Feministas, um novo olhar recai sobre os mistérios acerca da história das mulheres, até então subjugadas pela sociedade patriarcal. Segundo Perrot:

Ser mulher nunca é fácil, sobre tudo naquele século 19 que, em sua racionalidade triunfante, provavelmente levou ao seu paroxismo a divisão sexual dos papéis e dos espaços, definido “o lugar das mulheres” com um rigor apaixonado no discurso científico (PERROT, 2005, p. 78-79).

Longe da esfera pública e por muito tempo enclausuradas pela sociedade patriarcal que manteve a mulher no espaço privado, sendo possível compreender as dificuldades das escritoras para se firmarem ante as limitações e restrições impostas pela sociedade machista no campo literário, político e social. Com o intuito de resgatar essas memórias e escritos surge a crítica feminista angloamericana, desestabilizando o canônico.

Os estudos atuais acerca da narrativa feminina nos colocam à frente de uma realidade – a marginalização da escrita feminina. Sabemos que muitas obras escritas por mulheres não foram publicadas e acabaram se perdendo no tempo, conseqüentemente não foram inseridas na historiografia literária. Logo, o silenciamento literário.

...defeito de registro primário é agravado por um déficit de conservação dos traços. Pouca coisa nos arquivos públicos, destinados aos atos da administração e do poder, onde as mulheres

aparecem apenas quando perturbam a ordem, o que justamente elas fazem menos do que os homens, não em virtude de uma natureza rara, mas devido à sua fraca presença, à sua hesitação também em dar queixa quando elas são as vítimas. Consequentemente, os arquivos de polícia e de justiça, infinitamente preciosos para o conhecimento do povo, homens e mulheres, devem ser analisados até na forma sexuada de seu abastecimento" (PERROT, 2005, p. 12)

É com o intuito de resgatar esse *corpus* da tradição literária feminina que surge os primeiros sinais de uma crítica densa ao ambiente canônico imposto. Caminhando pela fase *androcêntrica*, *ginocrítica* e *female*, a escrita das mulheres vem propor um novo olhar maduro e moderno do seu papel, buscando modificar os padrões da Literatura. Nessa discussão a voz feminina rompe o discurso se immortalizando através do seu texto, se apresentando para a sociedade e para o universo literário.

São as memórias, a linguagem oral, as histórias das vidas dessas mulheres marginalizadas, ignoradas e apagadas pelos discursos oficiais que eram contados, construídos e escritos por homens que detinham o poder e foi utilizando como fio condutor para essa escrita confessional buscando compreender a si mesma, o seu lugar, a sua condição no mundo, seus traumas, a violência de que foram vítimas. Como afirmou Foucault, esses “procedimentos de exclusão” legitimam um discurso e automaticamente negam outros (2009, p.8-9):

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Foucault traz a noção do sujeito de uma forma histórica passando por um processo constante de (re)construção e (trans)formação das práticas de poder e técnicas de si. Ao registrar as suas experiências, revelando os sentimentos e as frustrações, acaba nos beneficiando com informações detalhadas de fatos e acontecimentos de um determinado momento histórico. Aos olhos de Foucault:

A escrita como exercício pessoal feito por si e para si é uma arte da verdade díspar: ou, mais precisamente, uma maneira racional de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso (FOUCAULT, 2004,p.151)

Considerando o leque de histórias subtraídas das margens, não abordando lugares e histórias de grandes feitos, mas os sentimentos, a resistência, o cuidado consigo sob o olhar feminino.

A consideração crescente da vida privada, familiar ou pessoal, modificou o olhar negligente que se tinha sobre as correspondências ou os diários íntimos. A ação de Philippe Lejeune e a acolhida que ele recebeu são muito significativas a este respeito. As mulheres são, ao mesmo tempo, protagonistas e beneficiárias deste esforço. As descobertas, depósitos e publicações multiplicam-se, obra das mulheres sensibilizadas pela história de seus ancestrais e desejosas de reencontrá-los, e até mesmo de torná-los visíveis, como num ato de justiça e de poesia (PERROT, 2005, p. 13).

O que nos resta dessas feridas adormecidas e da substituição dos navios negreiros e senzalas, são as condições precárias das comunidades. Buscando obter uma voz que retrate a experiência, podendo enfatizar o registro do passado com a presença incandescente de duas obras: a de Alice Walker e a de Carolina Maria de Jesus.

3 – A CARTA, O DIÁRIO E A FUNÇÃO DE ESPELHO

Desde o primeiro contato do homem negro com o branco, o primeiro foi visto como inferior, imoral, ou seja, o negro foi vítima da superioridade bélica de europeus e da exploração destes sobre aqueles de pele negra, os quais foram estereotipados pela própria Igreja Católica, esta por interesses econômicos deu ao negro o caráter das trevas e do mal. E daí a busca pela retratação da forma como o negro era representado em períodos distintos e as mudanças pelas quais essa maneira de representação sofreu mudanças principalmente no que diz respeito a afirmação da cultura negra e sua afirmação étnica .

Possuindo histórias de vidas opostas, apresentamos a afro-americana Alice Walker como professora universitária e a afro-brasileira Carolina Maria de Jesus como catadora de lixo. Mundos diferentes, mas ambas priorizam em suas obras a revolta com os preceitos impostos pela sociedade, como também abordam com um olhar crítico a construção da identidade da mulher negra.

A Cor Púrpura e *Diário de Bitita* são produções vinculadas ao passado memorável. Obsevar a mulher escrevendo na história, não se era possível, os relatos historiográficos foram designados aos homens por estarem inseridos no espaço público, e coube a mulher o espaço privado, deixando uma restrição aos vestígios escritos.

É acompanhando as memórias através das cartas e do diário, possuidores da função de “espelho”, que observamos o processo de construção de um sujeito agente e crítico de sua condição no mundo.

As escritoras negras constituem uma tradição literária identificável (...) temática, estilística, estética e conceptualmente. As escritoras negras manifestam pontos de vista em comum em relação ao ato de criar a literatura como resultado direto da experiência política, social e econômica específica que foram obrigadas a compartilhar. (SHOWALTER, 1994, p.51)

Dessa forma a literatura de autoria feminina busca uma identidade, uma escrita e uma representação própria, autêntica e livre. Segundo Tin:

Durante mais de 2 mil anos, escrever cartas foi o principal meio de comunicação a distancia. Assim dizia-se que a carta tornava presentes os ausentes. É o que se pode ler nas correspondências, bem como nos diversos tratados de epistolografia que o tempo nos legou. (TIN, pag17)

As narrativas trazem consigo um tom de confissão tentando se eternizar através dos escritos, uma vez que, a presença do individualismo e a vontade de afirmação de si caminham juntas. Driblando os comportamentos e lugares a elas destinados, surgem as suas escritas memorialísticas. Como afirma Dutra:

A memória adquire um papel determinante para a reconstrução da trilha feminina nas narrativas escritas por mulher. Confrontando passado e presente, a mulher tece seu rosto. As diversas facetas de si projetam-se em espelhos que não refletem a si, mas a uma outra, supostamente desconhecida até então. São rostos sem nome, porque traçam sujeitos de um chão qualquer, com desejos universais, acentuados por um marcado pelo rompimento do silêncio das minorias e pela reivindicação de direitos. (DUTRA, 2005, p. 178-179)

O diálogo apresentado entre esses textos tem como pano de fundo, a opressão feminina e a necessidade de falar sobre si, nesse percurso do aparecimento das memórias na construção do cenário. Essas guardadas a sete chaves nos cômodos e trazendo consigo um notável prestígio da escrita de mulheres.

O método epistolar leva o escritor a produzir algo aceitável como a transcrição espontânea das reações subjetivas dos protagonistas aos fatos na medida em que estes ocorrem e, assim, romper com a tendência clássica da seletividade e da concisão [...]. Pois, se os fatos são lembrados muito depois que ocorreram, a memória desempenha uma função mais ou menos semelhante, retendo apenas o que levou a uma ação importante e esquecendo o que foi transitório e malgrado. (WATT1996, 67.)

Essa exterioridade para os estudos culturais de Hall (2006) é elemento essencial na constituição relacional em sociedade, pois que vê nos fatores sócio-culturais (instituições políticas, religiosas, educacionais etc.) elementos basilares da constituição humana. Porém tais fatores não impedem que o ser, como indivíduo sócio-político, possa ter a possibilidade de liberdade nas relações e posicionamentos humanos, o que poderíamos abranger para características identitárias constituídas a partir de elementos externos e internos, subjetivos.

Lançando ao público essas ideias feministas utilizando como a arma a escrita de si, o seu testemunho, para denunciar a opressão da vida das mulheres negras e a dimensão das relações de poder entre os sexos:

A mulher que vivia com o meu avô era Siá Maruca. Uma preta calma. Era um casal elegante. Quando falavam, se o vovô a repreendia ela

chorava e curvava a cabeça e pedia desculpas. Quando o vovô se ausentava eu dizia: Siá Maruca por que é que a senhora não reage quando o vovô a repreende?

– Não minha filha! A mulher deve obedecer ao homem.

Eu ficava furiosa. E chorava porque queria virar homem para as mulheres obedecerem-me. (JESUS, 1982, p. 66).

Enquanto em Walker:

Bom, tem vez que o Sinhô me bate pra valer. Eu tenho que me queixar ao Criador. Mas ele é meu marido. Eu deixo pra lá. Essa vida logo acaba, eu digo. O céu dura pra sempre.

Você tinha que esmagar a cabeça do Sinhô, ela diz. E pensar no céu depois. (WALKER, 1986, p. 47).

Percebemos que em Bitita existe uma inconformidade pela situação de submissão e espancamento, enquanto Celie apresenta resignação

É com esse espírito de inconformidade e denúncia que na escrita confessional denota seu furor, numa concretização do desejo onírico de pôr fim aos preconceitos fisiológicos trazidos pelas construções sociais. Cansada de direcionar as cartas pra Deus, Celie questiona a sua presença:

Querida Nettie,

Eu num escrevo mais pra Deus, eu escrevo pra você.

O que aconteceu com Deus?, a Doci pergunta.

Quem é ele?, eu digo.

Ela olha pra mim séria.

Diaba assim como você é, eu digo, cum certeza num deve tá preocupada cum Deus.

Ela diz, um minutinho, por favor. Espero só um minuto aí. Só porque eu num fico pregando feito umas pessoa que a gente cunhece pur aí num quer dizer queu num tenho religião.

O que que Deus fez pur mim?, eu pergunto.

Ela diz, Celie! Como se tivesse ficado horrorizada. Ele deu a vida pra você, uma boa saúde, e uma boa mulher que ama você até a morte.

É, eu digo, e ele me deu um pai linchado, uma mãe louca, um cachorro ordinário como padrasto e uma irmã queu na certa nunca mais vou ver. De todo jeito, eu digo, o Deus pra quem eu rezo e pra quem eu escrevo é home. E age igualzinho aos outro home queu conheço. Trapaceiro, isquecido e ordinário. (WALKER, 1986, p. 174).

E Jesus em meio aos seus questionamentos:

Fui ficando triste. O mundo há de ser sempre assim: Negro praqui, negro, prali. E Deus gosta mais dos brancos do que dos negros. Os brancos têm casas cobertas com telhas. Se Deus não gosta de nós, por que é que nos fez nascer?

Fui procurar a minha mãe.

- A senhora pode me dar o endereço de Deus?

Ela estava nervosa deu-me uns tapas. Fiquei horrorizada: “Será que a minha mãe não vê a luta dos negros? Só eu!” se ela me desse o endereço de Deus, eu ia falar-lhe. Para ele dá um mundo só para os negros (JESUS, 1982, p. 93).

Em outro momento de diálogo, temos a presença da influência de Doci na autoestima de Celie

Ela diz, ora, você sente tanta vergonha de olhar pra você mesma? E você tá tão bunita, também, ela diz rindo. Toda vistida pra ir pro Harpo's, perfumada e tudo, mas cum medo de olhar pra própria xoxota.

Você vem comigo enquanto eu olho, eu digo.

(...)

Eu deito na cama e puxo meu vistido. Abaixo minha calcinha. Ponho o espelho entre as pernas. Argh. Todo aquele pelo. Então os lábios da minha xoxota é preto. Então lá dentro parece uma rosa molhada.

É mjuito mais bunito do que você pensava, num é? Ela diz da porta. WALKER, 1986, p. 77).

Enquanto Bitita acredita nessa transformação

- Sabe, Carolina, você vêm trabalhar para mim e quando eu for a Uberaba eu compro um vestido novo para você, vou comprar um remédio para você ficar branca e arranjar outro remédio para o seu cabelo ficar corrido. Depois vou arranjar um doutor para afilar o seu nariz.

Pensei: “Então estes homens que trabalham aqui já foram pretos, e a fazendeira fez eles ficarem brancos! E quando eu ficar com os cabelos corridos e o nariz afilado, quero ir a Sacramento para os meus parentes me verem. Será que eu vou ficar bonita?” JESUS, 1982, p. 134)

Em mesmo limiar está a figura da mulher negra em situação delicada pela imposição cultural e pelo acultramento, como nos fala Hall (2006), mas também pelo processo de troca e de constituição e reconstituição do eu e do outro, num movimento recíproco e contínuo. É com a presença incandescente dessas historias de si, de testemunhos que compreendemos o poder desse gênero confessional na afirmação do sujeito. Segundo Branco:

A escrita feminina se desenha , excessiva e econômica, detalhista e lacunar. Abordá-la, portanto, é também bordejar os contornos, é também suportar o silêncio e a tagarelice, os saltos inesperados e as voltas em torno de um mesmo eixo. É talvez ocupar, como o texto feminino, o lugar que não é este nem aquele, mas um terceiro, não intermediário, não mediador, mas outro, terceira via, terceiro veio, terceira margem: aquele do suporte da ambiguidade, da sustentação do absurdo, da exasperação de um processo que pretende fazer da linguagem uma “não linguagem”. (BRANCO, 2004, p. 149)

Possuindo como instrumento primordial a realidade de seu povo, um povo que sofre, no texto, com o racismo há centenas de anos numa ligação com o caráter político-social, e que encontra na “Arte” a concretização dos desejos de igualdade social que são apresentados nos sonhos.

A constituição do gênero feminino parece se confundir nesse momento com a função que é exercida pela mulher, sua identidade é elaborada com a prática do labor familiar, numa caracterização da sociedade contemporânea que ainda perdura com essa característica, embora apresente conflitos como nos aponta Showalter (1994), quando nos fala da existência das mulheres dentro de uma cultura geral, e quando reprimidas pelo culturalismo patriarcal transformam essa repressão, redefinindo-a através da valoração de aspectos do ser feminino, porém essa valoração não se apresenta na obra em análise, o que torna nossa protagonista um caso diferencial, que parece buscar ressignificação de seu papel como mulher, a partir de sua constituição sociocultural.

4 - O REFÚGIO PELA ESCRITA

É preciso que nos aprofundemos com cautela quando se trata de algo tão sensível – a memória. A construção dessas obras nos revelam as experiências vividas, a evocação de fatos ocorridos e, deste modo, nos trazem à mente a condição subalterna da mulher negra, oprimida pela sociedade patriarcal e machista, que acha na escrita seu único meio de expressão.

Quando falamos na escrita de si, falamos da subjetividade, da identidade e do sujeito. É nessa perspectiva de construir o “eu” através de um processo de dispersão de sentimentos que observamos um sujeito constitutivamente descentrado e marcado historicamente. Essa identidade subalterna das mulheres é construída pela opressão patriarcal, onde a dor, o silenciamento e a solidão, resultam como efeitos castradores na representação do sujeito feminino.

Com suas vozes silenciadas – símbolo maior da opressão aos grupos marginalizados - o único meio de refúgio que as personagens encontram para expressar seus sentimentos e denunciar seu sofrimento é escrita, como veremos na fragmentação do *corpus* analisado: a carta e o diário.

A noção de escrita pressupõe um processo de construção e formação, do mesmo modo que as concepções de sujeito e de identidade. É por meio da escrita que o sujeito se coloca em cena tratando de uma escrita singular e ao mesmo tempo falando pluralmente. Segundo Stuart Hall,

A identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2006, p 11)

Podemos chamar nessa pesquisa as cartas e os diários como fios condutores da memória. Nessas escritas observamos algumas marcas cronológicas iniciando as narrações pelo passado aos tempos atuais, talvez esclarecendo e justificando as circunstâncias ocorridas, e recuperando aspectos identitários.

A identidade surge não tanto na plenitude da identidade que está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, p. 39)

As imposições e restrições sofridas pelas diferenças sexuais, sociais, culturais e raciais são exploradas nos textos aqui analisados através das cartas e do diário

mantidos pelas protagonistas. As primeiras narrativas da heroína de Walker fazem referência aos fatos marcados por dores e sofrimentos vividos desde a infância: a primeira carta escrita por Celie é direcionada a Deus, descrevendo o abuso praticado por aquele que acreditava ser o seu pai:

Querido Deus,

Eu tenho quatorze ano. Eu sou Eu sempre fui uma boa minina. Quem sabe o senhor pode dar um sinal preu saber o que tá contecendo comigo.

Na primavera passada, depois que o nenê Lucious chegou, eu iscutei o barulho deles. Ele tava puxando o braço dela. Ela falou, Inda é muito cedo,Fonso,eu num tô bem. Até que ele deixou ela em paz. Uma semana depois, ele foi e puxou o braço dela outra vez. Ela falou Não,eu num vou. Você não vê que já tô meia morta, e todas essas criança Ela foi visitar a irmã dela que é doutora em Macon. Me deixou cuidando das criança. Ele nunca teve uma palavra boa pra mim. Só falava você vai fazer o que sua mãe num quis. Primeiro ele botou a coisa dele na minha coxa e cumeceu a mexer. Depois ele agarrou meus peitinhos. Depois ele impurrou a coisa dele pra dentro da minha xoxota. Quando aquilo dueu, eu gritei. Ele cumeceu a me sufocar, dizendo É melhor você calar a boca e acostumar.

(WALKER, 1986, p.9)

Já em Bitita observamos a reconstituição do espaço, os primeiros sinais do seu tom crítico e de denúncia pelas condições precárias a que eram submetidos os negros, quando faz referência ao “ Patrimônio” _ seria esse o patrimônio dos negros?

Os pobres moravam num terreno da Câmara: “O Patrimônio”. Não tinha água. Mesmo furando o poço eles tinham que andar para carregar água. Nós morávamos num terreno que o vovô comprou do mestre, um professor que tinha uma escola particular. O preço do terreno foi cinquenta mil-réis. O vovô dizia que não queria morrer e deixar os seus filhos ao relento. (JESUS, 1984, p.7)

Escrever é uma forma de aliviar as angústias e as feridas. Esses testemunhos revelam os maus-tratos e as desigualdades sofridas pelas mulheres negras dentro e fora de seu “espaço”, ou seja, opressão pelos brancos e pelos negros. Bitita e Celie representam a voz coletiva das classes oprimidas. Sob a opressão – ser pobre, ser negra e ser mulher – elas firmam-se como sujeitos de si mesmas e denunciam as injustiças sociais, tornando visível esse processo em sua escrita.

Essas escritas se entrelaçam, refletindo a respeito das suas próprias condições de existência, uma vez que, esses gêneros confessionais são escritos em um espaço privado trazendo consigo palavras silenciosas (confissão e sigilo) como também veracidade (autenticidade e sinceridade) no seu modo de transportar para o papel tudo aquilo que têm para enunciar. Sobre a escrita Scherer nos diz:

Escrever: a velha angústia diante da página em branco. Sempre o grau zero de algo que parece nunca resolvido. Uma angústia que vem da alma, diria talvez o poeta. De maneira geral, tal angústia revela um sintoma de forma intensa sobre o que é investir em sua própria escritura.
(SCHERER, 2010, p. 107)

Assim, Bitita interpela o leitor com inúmeros questionamentos:

Fiquei abismada. Será que o homem é tão bom assim? Por que as mulheres brigam por eles? Então o homem é melhor que cocada, pé-de-moleque, batatas fritas com bife? Por que será que as mulheres querem casar-se?

Será que o homem é melhor do que banana frita com açúcar e canela? Será que o homem é mais gostoso do que arroz com feijão e frango? Será que quando eu ficar grande conseguirei um homem pra mim? Quero um homem bem bonito! (JESUS, 1984, pp. 9 - 10)

Celie silencia, na sua condição de submissa, e aceita a violência executada pelo marido, ou seja, tudo que o marido faz, é aceito, não pode ser questionado:

Bom, tem vez que o Sinhô me bate muito mesmo, eu tenho que me queixar ao Criador. Mas ele é meu marido. Eu deixo pra lá.
(WALKER, 1986, p. 54)

(...)

Quando o Pai fala procê fazer uma coisa, você faz, ele falou. Quando ele fala pra num fazer, você num faz. Se ele num faz o que ele quer, ele bate em você. Tem vez que ele bate em mim de qualquer jeito, eu falei, quer eu faça o que ele falou quer não. (WALKER, 1986, p.76)

Quantas mulheres foram injustiçadas, submissas, vítimas de abusos sexuais, violências físicas e psicológicas e de racismo e encontraram na escrita forças de construir sua própria identidade através de seu relato e testemunho!... Pelos tons das confissões observamos a necessidade de dialogar e de reivindicar direitos sobre as injúrias e o esquecimento de que são vítimas essas mulheres. Podemos até traçar um mapa dos valores culturais que amplia o questionamento acerca do papel da mulher numa sociedade misógina e preconceituosa:

No mato eu vi um homem cortar uma árvore. Fiquei com inveja e decidi ser homem para ter forças. Fui procurar minha mãe e supliquei-lhe:

– Mamãe... eu quero virar homem. Não gosto de ser mulher! Vamos mamãe! Faça eu virar homem!...

Quando eu virar homem vou comprar um machado para derrubar uma árvore. Sorrindo e transbordando de alegria, pensei que precisava comprar uma navalha para fazer a barba, uma correia para amarrar as calças. Comprar um cavalo,

arreios, chapéu de abas largas e um chicote”.
(JESUS, 1986, p. 10).

Como é expresso pelo texto, a narradora é caracterizada pela inferiorização de sua identidade, principalmente a de gênero, fato caracterizado pela posição mutável do sujeito pós-moderno que é uma “identidade formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13).

Práticas reprováveis pelos padrões sociais parecem buscar uma quebra conceitual do comportamento feminino ainda em nosso século. O que pode linearmente entender-se como entendimento e busca pelo espaço feminino: “O aumento da consciência acarretou a descoberta da ‘verdadeira’ identidade das mulheres, a queda das viseiras, a obtenção de autonomia, de individualidade e, por isso, de emancipação” (BURKE, 1992, p. 83).

A cada página folheada vão aumentando os laços íntimos entre a obra e o leitor, onde se pode constatar que cada autora expressa sua subjetividade e está comprometida com a sua realidade e engajadas socialmente nas suas denúncias. De forma heroica essas mulheres utilizam e praticam a escrita como uma possível existência/resistência, antes fadada ao esquecimento e à resignação.

Sendo assim, revelando os sentimentos, anseios, angústias e pensamentos femininos, essa escritura antes considerada menor e marginal, graças à fragmentação da memória restaurada com a ajuda da "escrita de si", encontra os refúgios do eu ou o apropriado destino das letras.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se ao longo deste trabalho refletir sobre a escrita de si através dos gêneros confessionais, comparando as visões e as vozes de Celie e de Bitita. A escrita ficou além das emoções, único meio de se manter presente quando se estava ausente fazendo de páginas e páginas escritas um meio de extravasar a si, funcionando como testemunho de seu tempo.

A escrita vem a ser um instrumento que dá acesso direto ao mundo das memórias, permitindo organizar e repassar tanto acontecimentos como pensamentos e fazê-los atravessar o espaço e o tempo. Consideramos essa escrita íntima uma fonte histórica que possibilita o conhecimento e/ou compreensão de acontecimentos sociais, culturais e políticos de uma determinada época.

Os termos utilizados se misturam: escrita de si, escrita íntima, escrita confessional; mas, possuem um único objetivo: a afirmação pessoal do “eu” que se revela. A presença discreta e a sedutora história das mulheres por tanto tempo lida, analisada e apresentada ao mundo através da visão masculina, vai ganhando espaço, timidamente driblando a escassez de fontes, a presença do silêncio e até os vestígios materiais dessas mulheres, há muito tempo engavetados, apagados e destruídos, algumas vezes por elas mesmas.

O que nos resta dessas feridas adormecidas e da substituição dos navios negreiros e das senzalas, são as condições precárias das comunidades. Buscando obterem uma voz que retrate a experiência, podemos enfatizar o registro do passado pela a presença incandescente de duas grandes publicações: a de Alice Walker e a de Carolina Maria de Jesus. O diálogo apresentado entre esses textos tem como pano de fundo a opressão feminina e a necessidade de falar sobre si, nesse percurso do aparecimento das memórias na construção do cenário. Essas guardadas a sete chaves nos cômodos e trazendo consigo um notável prestígio da escrita de mulheres.

Enfim, são as memórias, a linguagem oral, as histórias de vida dessas mulheres marginalizadas, ignoradas e apagadas pelos discursos oficiais que eram contados, construídos e escritos por homens que detinham o poder, que foram utilizadas como fio condutor dessa escrita confessional, buscando compreender a si mesmas, o seu lugar, a sua condição na sociedade e sua posição no mundo e dissipar os traumas da violência de que repetidas vezes foram vítimas.

6 – REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad.: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BURKE, Peter (org.): *A Escrita da História*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- BAUMAN, Zygmunt . *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- BRUNO, Fernanda. *Máquinas de ver; modos de ser*. visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e comunicação. In: COMPÓS 2004 – XIII Congresso de Associação Nacional de Programas, de Pós-Graduação em Comunicação, 2004, São Bernardo do Campo. CD-ROM COMPÓS 2004, 2004.
- CASTRO, Eliana de Moura. *Psicanálise e Linguagem*. São Paulo: Ática. Série Princípios, 1992.
- D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto 1: Prolegômenos e teoria narrativa*. São Paulo: Ática, 1995. (p. 13-24 e 120-2)
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2009.
- FOUCAULT, Michael. *História da Sexualidade: o cuidado de si. 6ª ed. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- GAY, Peter. *O coração desvelado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- GOMES, Ângela Castro (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Paulo Editora. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986
- KHOTE, Flávio R. *Fundamentos da Teoria Literária*. In: ____. *A Natureza da Obra Literária*. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. p.12-34.
- LAJOLO, Marisa; DUARTE, Constância. "Romance epistolar: o voyeurismo e a sedução dos leitores." (2009).
- POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SHOWALTER Elaine. *A crítica feminista no território do selvagem*. In.: Heloísa Buarque de (org). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SCHERER, Amanda Eloina. "A escrit(ur)a de si: uma história do sujeito pela alteridade". In: _____. *Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela: alfabetização, formação de professores, línguas materna e estrangeira*. Beatriz Maria Eckert-Hoff e Maria José Rodrigues Faria Coracini (organizadoras). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.
- WALKER, Alice. *A cor púrpura*. Tradução de Peg Bodelson, Betúlia Machado e Maria José Silveira. São Paulo: Marco Zero, 1982.